

FHC diz que vai atacar ex-aliados na campanha

Ed Ferreira/AE

Presidente antecipa discurso de 2002 e diz que respeitabilidade de ACM 'está no chão'

O presidente Fernando Henrique Cardoso antecipou, durante entrevista à apresentadora Maria Lygia, da TV Gazeta, que "vai para a briga" na campanha eleitoral do próximo ano. A entrevista, gravada na segunda-feira, foi ao ar ontem. Depois de dizer que acredita fazer o sucessor, Fernando Henrique adiantou que criticará a falta de proposta da oposição e o comportamento de alguns ex-aliados, como o ex-senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA).

"Aí eu posso perguntar: vocês querem voltar a inflação, querem ter greve sem parar?", declarou. Em seguida, sem citar nomes, fez referência ao ex-senador baiano, que apoiou o ex-presidente Fernando Collor (1990-1992) durante o processo de impeachment. "Os que hoje são catões, apoiaram os ladrões. Teve gente aí que é moralista, mas votou a favor do Collor até o final, quando ali, sim, havia provas. Querem a volta disso, desses fariseus?"

Apesar de reconhecer o mau momento do governo nas pesquisas de opinião, o presidente atribuiu sua impopularidade à uma reação instantânea das pessoas e às contingências do presidencialismo. "São momentos. Quando você pega a pessoa na raiva, ela despeja. E quando ela sente algumas coisas sumir do que ela esperava no seu horizonte, vai buscar o culpado. E no Brasil, com regime presidencialista, o culpado sempre sou eu", desabafou.

Para ele, entretanto, não há motivos para tantas previsões pessimistas. "Não há razão para a auto-estima dos brasileiros estar no chão", avaliou. "Só há uma: é que só leio manchete ruim." E embora tenha dito



FHC: apesar do mau momento nas pesquisas de opinião, presidente disse acreditar que possa fazer o seu sucessor em 2002

que isso não era uma crítica à imprensa, ele se queixou da falta de interesse da mídia em investigar melhor o fundamento de algumas denúncias, como a do dossiê Caymam. "Uma infâmia absurda desde o início. E ninguém investigou isso!", reclamou.

O presidente rechaçou as acusações de que teria usado verbas do orçamento para convencer deputados a desistirem da CPI da Corrupção. E novamente atacou a imprensa. "Essas emendas já estavam liberadas e como é que o governo ia saber quem iria mudar o voto? Im-

possível. Então dá a impressão de que comprou voto. Comprou coisa nenhuma. Fez pressão política." "Por que não pensam um pouco antes de escrever? Por que não dão um pouco de boa fé?"

Sobre CPI, que ele chama de "somatória da infâmia", Fernando Henrique disse que todas as denúncias já estavam sendo investigadas. "No DNER, na Sudam há patifaria e está sendo investigada. Todos estão sendo processados. Então é infâmia. Mas a infâmia tem um papel na política. Repete, repete e o povo lê e diz: tá ven-

AVISO:
"VOU DAR
NOME
AOS BOIS"

do? É a marca da corrupção. Mas qual é a corrupção?"

Eleições – Com esse tom mais ofensivo, ele acredita que poderá eleger o sucessor. No pior momento, argumentou, o governo tem 20% nas pesquisas. "Quem é que tem isso? Talvez um só

candidato desses que estão aí."

Além disso, ele lembrou que o Planalto não está respondendo às críticas. "O governo está na defensiva, não está na TV, não está fazendo campanha. Mas eu vou fazer. Vou dizer ao País as coisas como são. Vou dar nome aos bois na hora da

campanha, quando me despir da responsabilidade institucional", adiantou.

Mais que a oposição, o presidente deu a entender que baterá em quem esteve ou está ao seu lado. "Aliados ou ex-aliados são os que mais puseram a boca no trombone, falso. Esqueceram seu próprio passado e começaram a fazer reiteração de acusações vazias", disse. Perguntado sobre ACM, Fernando Henrique foi lacônico, mas não perdeu a chance de atingir o ex-aliado. "Vou responder o que? A uma pessoa cuja respeitabilidade está no chão?"

OAB – Outro alvo foi o presidente da OAB, Rubens Approbato Machado, que na semana passada fez críticas ao governo durante a posse do presidente do STF, Marco Aurélio de Mello. Fernando Henrique estava presente, mas não tinha direito à palavra. "Ele desrespeitou o tribunal. E que autoridade moral tem esse cidadão para falar isso? Falar de ética?"; devolveu o presidente. "Ele foi secretário do (ex-governador de São Paulo, Orestes) Quéricia. E o governo Quéricia foi bastante criticado na época", lembrou. "Ele protestou? E quando tem defesa de precatórios duvidosos? Ele protesta?"

Mesmo com todas as queixas, o presidente disse confiar no futuro do País, mas deixou uam advertência no ar. "Isso se não vier nenhum malucão para dar cambalhotas para trás."

Às vezes, a crítica ultrapassa a acidez. Uma pessoa que tem a função de presidente não pode reagir com o fígado.

Quando você pega a pessoa na raiva, ela despeja. E quando está sentindo que algumas coisas começam a sumir do que ela esperava no seu horizonte, vai buscar o culpado. E no Brasil, com regime presidencialista, o culpado sempre sou eu.

Não há razão para a auto-estima dos brasileiros estar no chão. Só há uma: é que só leio manchete ruim. Tudo o que se gosta de valorizar no Brasil é o negativo.

É uma CPI para fazer palanque eleitoral. (...) A CPI é uma armadilha para fazer de conta que o governo está encobrindo corrupção. Como a oposição não tem alternativas...

E não só a oposição. Aliados ou ex-aliados são os que mais puseram a boca no trombone, esqueceram seu próprio passado e começaram a fazer reiteração de acusações vazias.

Os que hoje são catões apoiaram os ladrões. Teve gente aí que é moralista mas votou a favor do Collor até o final, quando ali sim havia provas. Querem a volta disso, desses fariseus?